



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP

NILÇA FERNANDES DOS SANTOS

**ROMARIA DE SÃO GONÇALO: Festa e tradição na comunidade Vão do Moleque,
Cavalcante – GO.**

Planaltina - DF

2013

NILÇA FERNANDES DOS SANTOS

**ROMARIA DE SÃO GONÇALO: Festa e tradição na comunidade Vão do Moleque,
Cavalcante – GO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade UnB de Planaltina – FUP, como
exigência parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Educação do Campo - LEdoC,
com habilitação na área de linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Coelly
Fernandes Saraiva.

Planaltina – DF

2013

NILÇA FERNANDES DOS SANTOS

**ROMARIA DE SÃO GONÇALO: Festa e tradição na comunidade Vão do Moleque,
Cavalcante – GO.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Aprovada em ____/____/2013

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva (UnB/FUP) – Orientadora

Profa. Dra. Eliete Ávila Wolff (UnB/ FUP) – Examinadora

Profa. MsC. Ana Maria Orofino Teles (UnB// FUP) – Examinadora

Planaltina – DF

2013

Dedico este trabalho a todos os meus familiares, em especial ao meu filho, por ser a minha inspiração espiritual; ao meu esposo, por não me deixar cair nos momentos de fraqueza; aos amigos e colegas de jornada, por me ensinarem a ter paciência e ser persistente; e aos docentes da LEdoC, por não terem desistido do mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado na luta pela vida e me ensinado a enfrentar com dignidade e sem hesitação os desafios que me foram postos, mostrando-me que depois de um dia tempestuoso há sempre um dia sol. Ele me fez entender que é melhor viver um dia de cada vez do que sofrer antecipadamente por uma coisa que ainda não aconteceu.

Aos meus familiares, por terem me dado força, especialmente ao meu filho Kauan, que é a razão da minha existência.

Ao meu esposo Diomar, por nunca ter me deixado cair nos momentos de fraqueza, devido às rasteiras que a vida me deu.

Aos meus pais Grumecil e Maria, por ser a minha motivação pessoal.

Ao meu cunhado Domingos, por ter me ajudado a entender a importância da Romaria de São Gonçalo dentro da comunidade Vão do Moleque.

À Bela e Joana, minhas vizinhas; Aneli e Wanderléia, minhas colegas de curso. Essas quatro mulheres me fizeram renascer, é como se cada uma tivesse me doado um pedacinho de si.

À minha orientadora, Profa. Dra. Regina Coelly, por ter me aceitado no seu time vitorioso, pela paciência e por não ter desistido de mim.

À ciranda da LEdoC, por cuidar do meu filho enquanto eu estudava.

À professora Eliete Wolff, coordenadora da ciranda, por não ter desistido das mães, com o seu lema invisível de “nenhuma a menos”, para ela toda mãe tem sua especificidade, masnem por isso deve ficar para traz.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência– PIBID, por me proporcionar a inserção tanto na escola quanto na comunidade, permitindo-me também construir e perceber a relação entre o campo e cidade no decorrer da realização das ações desse programa.

Ao Programa Educacional Tutorial - PET por permitir a minha primeira pesquisa-ação orientada na escola e na comunidade.

A todos os professores que passaram pelo LEdoC, em especial a Anna Izabel Barbosa, que juntos “carregaram a nossa turma nas costas”. Após a institucionalização do curso a Anna teve que nos deixar, mas nunca desistiu de nós.

À equipe examinadora da minha banca de defesa, Profa. Dra. Eliete Wolffe Profa. MsC. Ana Orofino, por terem aceitado compartilhar este desafio junto comigo.

À turma³, Dandara, pela cooperação e troca de conhecimentos que no decorrer do curso nos constituiu como uma família, na qual passamos a nos ajudar mutuamente para que todos nós atingíssemos os nossos objetivos. Permanecemos sempre juntos e com muito afeto.

Tempo para tudo

Tudo tem seu tempo determinado,
para todo propósito debaixo do céu:
Tempo de nascer e tempo de morrer;
Tempo de plantar e tempo de colher;
Tempo de matar e tempo de curar;

Tempo de derribar e tempo de edificar;
Tempo de chorar e tempo de rir;
Tempo de prantear e tempo de alegria;
Tempo de espalhar e tempo de ajuntar;

Tempo de abraçar e tempo de afastar;
Tempo de buscar e tempo de perder;
Tempo de guardar e tempo de deitar fora;
Tempo de rasgar e tempo de coser;

Tempo de estar calado e tempo de falar;
Tempo de amar e tempo de aborrecer;
Tempo de guerra e tempo de paz.
(Eclisíastes 3. v.1-8)

RESUMO

O Vão do Moleque, situado em Cavalcante – Goiás, é uma comunidade de descendentes de quilombolas, onde tradições legitimam seu povo e se configuram como um elo da comunidade. Foi através das tradições e costumes que a comunidade se manteve autossuficiente por vários anos. Diante disso percebeu-se a necessidade de realização de uma pesquisa sobre as tradições festivas, em especial a Romaria de São Gonçalo, que foi definida como objeto de estudo deste trabalho. Esta pesquisa tem por objetivo (re)conhecer e registrar os significados dessa romariana comunidade Vão do Moleque, com o intuito de promover reflexões acerca das necessidades de preservação e promoção do fortalecimento dessa tradição. A opção metodológica foi pela pesquisa qualitativa, realizada através de observações durante a Romaria, de entrevistas e de pesquisa bibliográfica. A pesquisa demonstrou que a Romaria de São Gonçalo e a própria comunidade do Vão de Almas estão passando por transformações decorrentes do agregamento de novos valores, e que embora essas transformações provoquem mudanças de forte impacto cultural, os moradores locais não compreendem que isso seja prejudicial à sua cultura. A Educação do Campo é uma grande aliada e contribui bastante na preservação desta tradição, por meio da necessidade de promover ações que fomentem o fortalecimento das tradições e dos costumes das comunidades.

Palavras-chave: comunidades tradicionais; identidade e memória; tradições.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABA	Associação Brasileira de Antropologia
EPOTECAMPO	Educação, Povo, Terra, Campo
FUP	Faculdade UnB Planaltina
GO	Goiás
IDAGO	Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás
LEdoC	Licenciatura em Educação do Campo
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PET	Programa Educacional Tutorial
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação á Docência
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
METODOLOGIA.....	15
CAPÍTULO 1	
1. ASPECTOS HISTÓRICOS DA COMUNIDADE VÃO DO MOLEQUE.....	17
CAPÍTULO 2	
2. ROMARIA DE SÃO GONÇALO.....	23
2.1.Localização do festejo.....	24
2.2.Capela	26
2.3.Organização do festejo	26
2.4.São Gonçalo.....	26
2.5.Nossa Senhora do Livramento	32
2.6.São Sebastião.....	33
2.7.As novenas	33
2.8.Os mastros	35
2.9.Sussa.....	37
2.10. A folia de cipó	38
2.11. Às oito horas	39
2.12. Sino	39
2.13. O império	39
2.14. Fim de romaria.....	42
2.15. Dicionário.....	42
CAPÍTULO 3	
3. TRANSFORMAÇÕES NA ROMARIA DE SÃO GONÇALO	44
3.1.Desafios para a valorização das tradições o papel da escola do campo.....	51

CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICES	59

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, com o tema a Romaria de São Gonçalo: festa e tradição na comunidade Vão do Moleque, Cavalcante-GO, tem por objetivo (re)conhecer e registrar a tradição festiva da Romaria de São Gonçalo nessa comunidade, promovendo assim o fortalecimento desta tradição festiva.

O Vão do Moleque, assim como todo o território Kalunga, tem o clima semiárido. Os rios Corriola, Corrente, Correntinho e alguns córregos traçam essa comunidade, e os rios Prata e Parana limitam a comunidade com o Estado do Tocantins.

O território Kalunga está localizado no Centro Oeste e compreende entre os municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás, fazendo parte da bacia hidrográfica do Tocantins.

Os moradores de Vão do Moleque vivem basicamente da agricultura de subsistência, da pecuária, da caça, pesca e do extrativismo vegetal. Eles produzem arroz, feijão, mandioca, milho, abóbora, quiabo, jiló, maxixe e outros. É muito forte entre eles os saberes, costumes e tradições que carregam de geração em geração para a sobrevivência de sua gente. As pessoas, sobretudo as mais idosas, cultivam nas memórias as suas histórias e as da comunidade. Até recentemente essas pessoas se sentiam mais confortáveis evitando falar sobre o passado e por isso deixavam de compartilhar, inclusive com os próprios filhos, a história do lugar onde vivem, aparentando uma tentativa de esquecimento do passado. Isso se justificava pelo medo que tinham de serem descobertos e, assim como os seus ancestrais, tornarem-se escravos. Entretanto, ao mesmo tempo em que recorriam ao silêncio como forma de resistência cultivavam as manifestações tradicionais como símbolo de luta pela sobrevivência.

As folias tradicionais, as festas “boca de noite” e as Romarias de São Gonçalo fazem parte das características da comunidade Vão do Moleque, que vem lentamente perdendo suas características. Essa perda é motivada pela pressão de novos valores e por doutrinas religiosas evangélicas que estão bastante fortes na comunidade.

Nos últimos anos tem sido possível observar uma ruptura nas crenças e nas tradições da comunidade. Os jovens e alguns adultos não se sentem mais motivados para participarem das rezas rotineiras e dos costumes religiosos que acontecem durante as manifestações festivas. Isso ocasiona uma grande decepção para os festeiros e rezadores que estão ali para louvar as divindades e pedir glórias para as famílias.

Entre os jovens essa situação ainda é mais crítica, pois estão deixando de aprender as coisas

mais importantes das tradições e dos costumes comunitários que estão presentes há mais de duzentos anos.

Parte do conhecimento ainda é transmitida oralmente pelos anciãos aos mais jovens. Esse diagnóstico gera a necessidade de fazer um estudo sobre possíveis formas de impedir a entrada de novos valores que está cada dia mais presente, agredindo de forma violenta a identidade do Vão do Moleque.

O interesse pela pesquisa se deu através de observações feitas durante as manifestações que acontecem na comunidade do Vão do Moleque da constatação das perdas culturais que essa comunidade vem sofrendo. As tradições festivas dessa comunidade se estendem ao longo do ano e são marcas características do seu povo.

A presente pesquisa tem como objetivo (re)conhecer e registrar os significados da tradição festiva da Romaria de São Gonçalo, na comunidade Vão do Moleque, a fim de trazer reflexões sobre a necessidade de se manter essa tradição.

A escolha dessa festa como objeto de pesquisa se deve ao fato de ela mobilizar toda a comunidade em prol da sua realização. Ela está bastante presente na comunidade e tem muita influência na identidade do povo Kalunga do Vão do Moleque. Mas, assim como outras tradições, está sendo fragilizada pelos novos valores que estão fortemente presentes na comunidade. Nesse sentido o registro da festa Romaria de São Gonçalo poderá contribuir para a valorização e fortalecimento da identidade do povo Kalunga.

A partir dos contextos descritos apresentamos os problemas que devem ser pesquisados e refletidos neste trabalho: Por que as tradições festivas da comunidade Kalunga Vão do Moleque estão se perdendo? Como os novos valores presentes na comunidade interferem nas tradições festivas da comunidade Kalunga Vão do Moleque? O que fazer para fortalecer as tradições festivas da comunidade Vão do Moleque? Qual é a contribuição da LEdoC, dos inventários, do estágio e das demais disciplinas ministradas durante o curso na formulação deste trabalho?

Pretende-se disponibilizar esta pesquisa para a comunidade como forma de contribuição e de reconhecimento de que cada povo deve preservar sua identidade, cultura e história. A vontade de contribuir e de refletir junto à comunidade decorre da familiarização da pesquisadora com o contexto de estudo, em cujo espaço se encontra como estudiosa e também como integrante deste povo e desta cultura.

No primeiro capítulo vamos tratar da contextualização histórica do Vão do Moleque, em cujo espaço será abordada a história do seu surgimento, as características da agricultura e o registro da perda da memória e a ruptura que a comunidade vem sofrendo nas suas crenças devido à aculturação.

No capítulo seguinte trataremos da descrição da Romaria de São Gonçalo, recorrendo à descrição de todos os momentos que acontecem durante os doze dias dessa festa na comunidade Vão do Moleque.

No último capítulo discutiremos as transformações que a Romaria de São Gonçalo está sofrendo em decorrência do processo de aculturação que vem ocorrendo na comunidade.

METODOLOGIA

A abordagem qualitativa abrange todos os contextos deste estudo, pois ela possibilita a interpretação da totalidade de processos vivenciados pelo pesquisador no decorrer da sua investigação.

Registre-se ser a pesquisadora, parte deste processo de pesquisa, na condição de moradora da comunidade, esteve presente em todos os momentos festivos, o que foi fundamental ao aprofundamento de conhecimentos acerca do objeto de estudo, sobretudo pela riqueza dos detalhes percebidos através da observação e registro da Romaria de São Gonçalo.

Neste trabalho optou-se pelo método da observação de fenômenos ou fatos que acontecem espontaneamente, como os vivenciados nas tradições da comunidade Vão do Moleque. Esse método consiste, em geral, no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem.

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver ou ouvir. (...) a observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não tem consciência, que orientam seu comportamento. (MARCONI, LAKATOS, 2005, p. 193)

Embasadas na história oral, também utilizada como procedimento metodológico neste trabalho, realizaram-se entrevistas com pessoas da comunidade. Delgado (2006, p. 15/16) explica que a História oral trata

de um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas. (...) Não é portanto um compartimento da História vivida, mas o registro de depoimentos sobre a História vivida. (...) É um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. (...) Trata-se portanto de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades.

Os sujeitos da pesquisa com quem realizamos as entrevistas são dez moradores da comunidade Vão do Moleque. O critério para escolha desses colaboradores se pautou no fato de cinco deles já terem sido imperadores e conhecem todos os procedimentos dos momentos que acontecem na Romaria de São Gonçalo, fornecendo assim dados importantíssimos à descrição da Romaria em geral. As outras cinco pessoas, de idade entre 30 e 70 anos, são participantes da

Romaria desde a infância e contribuíram significativamente propondo reflexões acerca das transformações que a comunidade vem sofrendo nestes últimos anos.

Buscou se nas narrativas dos entrevistados lembranças sobre a origem de São Gonçalo e do surgimento do festejo no Vão do Moleque. A pesquisa com história oral está integrada a um método privilegiado de entrevistas e depoimentos com pessoas que vivenciam os acontecimentos dentro ou fora do coletivo. Isso tem muita potencialidade como metodologia qualitativa principalmente nos campos de conhecimentos históricos, sociológicos e antropológicos.

Foi utilizada também a pesquisa bibliográfica, que permitiu sistematizar as informações sobre a Romaria de São Gonçalo para fundamentar teoricamente o conhecimento compartilhado por comunidades tradicionais na sua dimensão sociocultural. Dentreos teóricos com quais dialogamos destacam-se: Baiocchi (1999); Chauí (2000); MEC (2001); Nogueira (2009); e, Saraiva (2010, 2011).

CAPÍTULO 1

1. ASPECTOS HISTÓRICOS DA COMUNIDADE VÃO DO MOLEQUE

A comunidade Vão do Moleque, localizada a 130 quilômetros da sede no município de Cavalcante – Goiás surgiu no final do século XVIII, por volta de 1740, quando ex-escravos fugiram das decadentes minas de ouro da cidade de Cavalcante. Esses ex-escravos se refugiaram nos vãos, lugares montanhosos de difícil acesso, dando origem à hoje conhecida Comunidade Vão do Moleque.

Essa comunidade está na região de remanescentes de quilombos e é conhecida como Kalunga. O nome Kalunga possui muitos significados. Para os kalungueiros é um lugar sagrado, um Deus africano, um rio ou uma planta usada como erva medicamentosa. (BAIOCCHI, 1999).

Há outra versão quanto à formação da comunidade do Vão do Moleque. Veiculada pela tradição oral essa versão conta que os negros chegaram à comunidade não por vontade própria, mas trazidos à força para o trabalho forçado. Os relatos dialogam com a existência até hoje de cercas de pedras e escavações que estão ali desde o tempo da escravidão. Devido aos maltratos e castigos a que eram submetidos os negros fugiram para os ocos das serras, lugares quase inacessíveis, e se misturaram com os índios que também se escondiam por lá. Nesse encontro começaram a agregar alguns costumes indígenas necessários à sobrevivência nas matas. Esses aprendizados contribuíram para que essas comunidades mantivessem autossuficientes durante muitos anos.

Não se sabe qual das duas versões é a verdadeira, pois as lembranças que existem entre os poucos anciãos da comunidade são fragmentadas e cada pessoa conta a história de acordo com o que ouviu dos seus antepassados.

A comunidade Vão do Moleque, assim como todas as comunidades Kalunga, não há um predomínio da cultura escrita e os conhecimentos são transmitidos de geração para geração através da oralidade. Permeava a comunidade Vão do Moleque a ideia do passado de sofrimento e de escravidão, ao que se somava o temor de que essa história pudesse se repetir. Esse receio se expressava no silenciamento dessa memória, muito presente na comunidade até bem pouco tempo atrás.

Vão do Moleque é habitado por 359 famílias distribuídas por toda a comunidade. Ela recebeu esse nome porque existe uma serra com um pico parecido com um dedo, conhecido por

“Moleque”. Existe na comunidade o mito de que esse pico é encantado e ninguém chega perto dele, pois é um lugar de forte frio e ventania. Acreditam que nem mesmo de avião ninguém nunca pôs os pés por lá. Outra estória muito conhecida na comunidade é que quando o pico do moleque está coberto de neblina é sinal que vai chover neste dia.

A comunidade é banhada por alguns rios, dentre os quais citamos: Corrente, Correntinho, Corriola e Prata, esse último fica na entrada da comunidade. Existem também córregos, como o Porcos, por exemplo. Devido à comunidade não possuir água encanada, são as águas destes rios que são utilizadas para todas as necessidades locais. Levadas pela necessidade de proximidade ao rio, muitas pessoas construíram suas casas muito próximas às margens, e isso está causando sérios problemas às matas ciliares e aos próprios rios.

O território Kalunga, onde está situado o Vão do Moleque, se localiza no Centro Oeste especificamente no Estado de Goiás, e está compreendido entre os municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás, fazendo parte da bacia hidrográfica do Tocantins. Os Kalungueiros ocupam uma área de 253.191.72 hectares, situada a 620 quilômetros de Goiânia, a capital do Estado.

Essas informações podem ser verificadas no mapa a seguir, que registra de modo geral as localidades do sítio histórico e cultural do remanescente de Quilombo, Kalunga - GO.

Esse território está inserido em uma zona de transição entre os domínios do clima semiárido, onde as chuvas se concentram no período de outubro a março, quando o território é invadido pela linha de instabilidade tropical que provoca os grandes índices pluviométricos do ano.

A antropóloga Mari Baiocchi (1999) contribuiu significativamente para o desenvolvimento de todo o território ajudando o povo a superar alguns preconceitos e incentivando-os na preservação de sua memória e fortalecimento das suas identidades.

Segundo Asevedo (1955), na década de 80 a comunidade Kalunga enfrentou problemas de terra por causa da invasão de grileiros. Como o povo daquela comunidade não possuía documento que comprovasse a posse da terra nada podiam fazer contra os invasores. Passadas mais de três décadas da realização dessa pesquisa o problema não foi solucionado devido à falta de documentação que comprove a titulação da terra.

Baiocchi (1999) esteve ao lado do povo Kalunga na luta pela legalização das suas terras perante o Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás (IDAGO), cuja luta continua até os dias atuais, pois, a comunidade ainda não possui o título da terra. Isso é um problema que muito preocupa os kalungueiros.

O Vão do Moleque, assim como todo o território kalunga, tem o clima semiárido e a vegetação típica do Cerrado, contendo alguns rios que perpassam entre meios a comunidade tornando um pouco mais agradáveis os meses de seca (abril a setembro). As serras Corriola e Mochila fazem limite com a comunidade Vão de Almas e os rios Prata e Paranã limitam a comunidade Vão do Moleque com o Estado do Tocantins.

A economia da comunidade vem basicamente da agricultura de subsistência, da criação de animais (criam vacas, cavalo, burros, galinhas, porcos, etc.), da caça (paca, tatu, veado, etc.) da pesca e do extrativismo vegetal (pequi, baru, jatobá, mangaba, etc.). Eles produzem arroz, feijão, mandioca, milho, abóbora, quiabo, jiló, maxixe, e outros.

Grande parte dos moradores da comunidade recebe algum benefício do Governo Federal, alguns são aposentados, outros recebem bolsa família e há também funcionários públicos municipais, a exemplo dos professores, merendeiros, faxineiros e agentes comunitários de saúde. É importante ressaltar que mesmo com esses benefícios a população não deixa de plantar em seu quintal.

As instituições organizativas presentes em Vão do Moleque, quais sejam: Associação Kalunga de Cavalcante - AKC, Associação Quilombo Kalunga - AQK e Associação da Educação

do Campo dos educandos e educadores do território Kalunga e comunidades rurais – EPOTECAMPO buscam construir parcerias em prol dessa comunidade. Lutam por benefícios como a cesta básica kalunga, casinhas para zona rural, cursos e outros. Além disso, promovem ações acerca das necessidades dos moradores locais.

Atualmente não têm vereadores eleitos em Vão do Moleque, isso torna o contato da comunidade com a prefeitura ainda mais difícil e provoca um distanciamento desta população com o poder público municipal, acarretando ainda mais atraso no desenvolvimento dessa localidade.

Um fator negativo na comunidade é a ausência de um posto de saúde. Quando os moradores ficam doentes é preciso fretar carro para levá-los ao hospital da cidade. Às vezes, a depender da gravidade, a prefeitura manda um carro para buscá-los.

Atualmente existem cinco agentes comunitários de saúde na comunidade, subdivididos entre os moradores de todo o Vão do Moleque. Eles visitam as famílias e fazem o acompanhamento do peso e o crescimento das crianças.

Existem nove escolas, sendo que oito atendem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, e uma funciona da Educação infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. Em relação ao currículo as escolas trabalham até o 5º com ênfase nas escolas do campo; e do 6º ao 9º ano enfatizam o currículo voltado para a cidade, pois a escola local ainda é uma extensão de um colégio da cidade de Cavalcante.

As organizações presentes em Vão de Moleque, junto à população local, vêm lutando pela desvinculação dessa escola do campo à urbana, exigindo que ela se torne a Escola Estadual Kalunga. Acreditam que com essa conquista as matrizes pedagógicas podem ser mudadas em prol do melhoramento no ensino para os educandos da comunidade.

Segundo a subsecretaria, que fica em Campos Belos, as escolas que são extensões do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, de Cavalcante, vão ser desvinculadas e passar a ser Escola Estadual Kalunga, voltada para as escolas do campo.

Não se sabe ainda se serão utilizados os princípios da Educação do Campo, mas a desvinculação é válida, pois o currículo precisa ser repensado. Vão de Moleque precisa de um currículo voltado para o campo, para as comunidades quilombolas e suas tradições, em cujo espaço os saberes tradicionais sejam levados em conta. Nesse sentido, é necessária a defesa da escola do campo que trabalhe os saberes antigos aliados às tradições do povo, reconhecendo e valorizando as lutas dos antepassados que são parte da história quilombola.

É importante nesse processo que todos os professores se disponham a contribuir com o Projeto Político Pedagógico – PPP da escola. Esse documento é fruto de uma construção coletiva, sobretudo o do ano de 2014, que está em fase de elaboração.

A comunidade Vão do moleque se manteve autossuficiente durante anos, pois os Molequenses têm seu jeito próprio de ser e de criar as coisas no mundo. Eles foram se adequando à natureza de acordo com as necessidades da comunidade.

CAPÍTULO 2

2. ROMARIA DE SÃO GONÇALO

A Romaria de São Gonçalo é uma espécie de peregrinação que os moradores da comunidade Vão do Moleque e os visitantes fazem durante doze dias do mês de setembro. A Romaria é constituída por grupos de pessoas que se dirigem a um determinado local em caráter religioso. (CASCUDO, 2002, p. 602).

Esse evento se subdivide em momentos de atividades religiosas e de festa. É um acontecimento muito presente na comunidade e que tem forte influência na identidade do povo Kalunga do Vão do Moleque.

A tradição remonta aos antepassados da comunidade que vieram se esconder nos vãos, fugindo da opressão dos seus senhores. Ao povoarem o Vão do Moleque já traziam consigo o culto a São Gonçalo, expresso em atividades dessa natureza ano após ano, realizadas anualmente do dia 06 ao dia 18 de setembro.

A cultuação a São Gonçalo vem da fusão de crenças que decorreu da imposição do catolicismo frente às demais religiões. Os homens e mulheres que foram escravizados, subordinados à lei dos senhores, incorporaram as práticas do catolicismo, a exemplo do culto aos santos, ou às pessoas santificadas. Em decorrência disso São Gonçalo e outros santos são cultuados em alguns territórios quilombolas, como a comunidade do Vão do Moleque.

Entretanto, essa aderência ao catolicismo não se deu em sua totalidade, pois os “novos cristãos” mesclaram características da cultura africana às crenças católicas assimiladas.

Mesmo arrancado da sua cultura e de suas tradições, o negro não deixou de cultivar tais expressões. Deslocado dos seus costumes ancestrais o negro continuou, em terras brasileiras, a exaltar os seus heróis, seus mitos e suas crenças, transplantando para cá a religião, o canto, a dança, que foram assimilados nos costumes, no batuque, no samba, na umbigada, no coco, nascidos e desenvolvidos nas senzalas e nos mocambos. (CASCUDO, 2000, p.419).

A comunidade Vão do Moleque cultiva os costumes e tradições dos antepassados e a Romaria de São Gonçalo é uma dessas tradições que marcam fortemente a identidade da comunidade.

Rituais religiosos e festas são os eventos de maior força e significações comunitárias. (...) Os quilombolas são capazes de sacrificar-se para manter o calendário de festas. As crianças se programam até para não irem às aulas do dia seguinte às festas de que diretamente participam, dada a sua superimportância. Transmitem-se valores, reafirmam-se a identidade, garante-se a estabilidade grupal das relações de autoridade.(MOURA,2012, p. 111).

As tradições, como a Romaria de São Gonçalo, carregam uma forte significação comunitária, pois trabalham valores que a comunidade tanto preserva, como a coletividade, o cooperativismo, a identidade e a cultura. Elas são a união de todos esses valores.

2.1.Localização do festejo

O festejo da Romaria de São Gonçalo acontece em um lugarejo conhecido como Vagem da capela, onde moram dez famílias, algumas com comércio fixo naquele lugar. A vegetação, que é típica do Cerrado, possui árvores rasteiras que no final do inverno, quando é o período da festa, perdem as folhas, deixando o festejo ainda mais quente. Há alguns pés de manga próximos a alguns barracos, o que torna o ambiente um pouco mais agradável.

A Romaria de Gonçalo é realizada em um espaço de 400 metros. Nesse espaço são construídos cerca de duzentos e cinquenta barracos, cobertos com palhas de piaçavano teto e nas paredes e alguns de adobe e telhas. Conhecidos com o nome de “ranchos” os barracos são feitos um ao lado do outro,em formato de círculo.

O festejo é dividido em ruas e no centro tem uma praça. Em cada avenida os barracos são construídos um de frente para o outro; e fora das avenidas são aglomeradas barracas e barraquinhas à sombra das poucas árvores.

O registro fotográfico de Nilça Fernandes (2013) é uma pequena mostra de como se organiza o espaço físico dessa importante atividade.



Foto do festejo da Romaria de São Gonçalo, da comunidade Vão do Moleque.

Antes a igreja ficava no centro, mas com o passar do tempo os barracos foram aumentando, dando o espaço para o comércio, o que descentralizou a igreja. Hoje o centro do festejo é a área comercial.

O festejo fica bem próximo ao Morro do Moleque, por isso é muito quente durante o dia. Como a Romaria acontece em um período de transição do inverno para a primavera, quando as árvores ainda estão sem folhas, o local fica ainda mais quente. Com isso as pessoas que estão na atividade acabam por se aglomerar no pequeno rio que existe próximo àquele local. Outras pessoas, que possuem meio de transporte, vão para outros rios e só voltam ao final da tarde para contemplarem a festa e as atividades religiosas, que normalmente acontecem à noite.

Um fator de preocupação naquela comunidade é o risco de acidentes provocados pelo fogo, especialmente no período da Romaria, pois tradicionalmente os moradores cozinham no fogão à lenha e como a maioria dos barracos são feitos de palha, há sempre um risco de acidentes. Isso já aconteceu algumas vezes e pessoas se feriram gravemente.

No local do festejo também existe uma escola, que no período da festa é usada pela Secretária Municipal de Saúde para atender as necessidades dos festeiros, que muitas vezes passam mal devido ao calor excessivo. Essa mesma escola, em outras ocasiões, é utilizada para pequenas ações e palestras realizadas por outras instituições.

2.2. Capela

A Capela da Romaria de São Gonçalo fica no início do festejo. Conforme já explicado, ela foi descentralizada devido à expansão do comércio local. A Capela, pintada de branco, é feita de telhas e alvenaria, e possui piso de cimento. Ela tem a capacidade receber aproximadamente cinquenta pessoas.

Dentro da igreja tem um altar para as imagens de santos e alguns bancos para os devotos sentarem durante os momentos de oração e louvores.

As imagens de São Gonçalo e Nossa Senhora do Livramento ficam na capela da Romaria de São Gonçalo, sob os cuidados de Dona Valeria, uma senhora da comunidade. Os santos já estão nessa família há muito tempo.

Durante o dia as imagens dos santos ficam na capela, e à noite, após as rezas, eles são recolhidos e guardados.

2.3. Organização do festejo

A área do festejo é organizada por moradores da comunidade e pela Associação kalunga de Cavalcante. A igreja e o barracão são organizados, limpos e enfeitados pela “enfeitadeiras”, meninas que são escolhidas para tal função, e que também são acompanhantes do Imperador no momento do cortejo.

2.4. São Gonçalo

A festa de São Gonçalo veio junto com a coroa a coroa portuguesa, no século XVIII, e começou a ser festejado na Bahia, em 1718. (SANTOS, 2004).

São Gonçalo é comemorado em várias regiões do Brasil, mas Santos (2004, p.2) explica que o culto veio de Portugal, chegando primeiro à Bahia e por último a Minas Gerais.

São Gonçalo do Amarante é conhecido por ser festeiro, alegre e casamenteiro e é glorificado por trazer felicidade e paz para seu povo. Não se sabe com precisão, na comunidade Vão do Moleque, quando foi iniciada comemoração de São Gonçalo. Há moradores entre os moradores relatos de que “comemoram desde sempre”, ou ainda: “quando eu entendi por mim já festejava esta festa”.

São Gonçalo é um santo português, festejado em 10 de janeiro, dia que faleceu na localidade de Amarante no ano de 1259. Eremita, deixou tradições populares vivas. Construiu ponte de pedras. Tocava viola. Converteu as mulheres, dançando com elas, alegremente, mas tendo nos sapatos pregos que o feriam nos pés. (CASCUDO, 2000, p. 264).

Dentre os Estados que festejam São Gonçalo estão: Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás.

Na comunidade Vão do Moleque os devotos rezam em agradecimento ao santo, diferente do culto a São Gonçalo na Bahia, onde os devotos cantam e dançam. (QUEIROZ, 1958). Segue abaixo trechos dedicados a São Gonçalo no momento da dança Bahia.

Concedei minha licença
Santo do meu coração?
Queremos dar principio
A essa devoção.

Vamo, vamo, minha gente,
Vamo fazê roda nova,
Em cima do lavado,
Onde S. Gonçalo mora.

Onde S. Gonçalo mora,
Entre duas serraria,
Nunca vi terra tão boa,
Cheia de galanteria.

Entre serras e penedo
Tinha um mocinho galante;
Tá me dando nas parência
S. Gonçalo do Amarante.

S. Gonçalo me escreveu
Numa foia de limão,
Mandando pidi minh'alma,
Eu mandei meu coração,

Eu vi tanta gente junta,
Perguntei o que seria,

Respondeu uma devota é
S. Gonçalo Gracia.

S. Gonçalo é meu pai,
S. Francisco é meu irmão,
Os Anjos são meus parentes
O' que rica geração.

S. Gonçalo se embarcou-se
Na barquinha de Noé,
Quando saiu confessou se
Com Jesus de Nazaré.

Ali vem um carro cantando,
Cheio de cravos e rosas;
S. Gonçalo vem no meio
Por ser a flor mais formosa.

S. Gonçalo e Santo Antonio,
Eles dois anda em profia,
Sto Antonio anda em missa e
S. Gonçalo em alegria.

S. Gonçalo me prometeu,
Na vida me dar um dote;
Já que não me deu na vida,
Me dê na hora da morte.

Meu divino S. Gonçalo,
A vossa capela cheia,
Cheira cravo e cheira rosa,
Cheira flor de laranjeira.
S. Gonçalo disse ontem,
Hoje torna a dizê,
Se tratasse dos doentes
Que sinão via morrer.

S. Gonçalo é um santo,
Mas não é interesseiro;
Obra milagre com dança,
Não procura por dinheiro.
S. Gonçalo do Amarante
Casamenteiro das veias,
Porque não casou as moças?
Que mal fizeram elas.

S. Gonçalo do Amarante,
Mó de que tá sorrindo;
Quem me deraestá logrando,
O que ele está possuindo.

N. Senhora de Agôsto
Apareceu ao sol posto,
Com uma estrela na testa,
Outra na maçã do rosto.

S. Gonçalo diz que é véio,
 Mas porém tem seu amor,
 Que inda onte recebeu
 Ramanete de fulôr.

S. Gonçalo do Amarante,
 Sua arma que deseja,
 As portas do céu aberta,
 Com estão as da igreja.

Essa cãs já foi santa,
 Esse terreiro, cidade,
 Hoje é a capelinha
 Do Divino S. Gonçalo.

Deus lhe salve casa santa,
 Onde Deus fez a morada,
 Onde mora o cális bento,
 E a hóstia consagrada.

Sta Clara já foi santa;
 Menina de 12 ano,
 Escreveu a S. Gonçalo
 Que este mundo era um engano.

Fica-te embora latada,
 As costa te vou virando,
 S. Gonçalo vai mais nois,
 E o povo fica chorando.

O' que céu tão pintadinho,
 Coberto de maravilha,
 Onde estará S. Gonçalo,
 Com prazer e alegria.

Eu perdi o meu aguio
 ,No caminho de Amarante,
 Como eu cozei agora
 minha costura galante.

Minha camisa galante
 Feita na Ia do Oro;
 Quanto mais renda mais renda
 Quanto mais oro mais oro.

Chuva que vem do norte,
 De longe traz a zoadá,
 Acordando os seus devoto
 Do sono da madrugada.

Minha gente venham vê
 Gonçalo no terreiro,
 Como vem tão bonitinho
 O povo nas enfileiras.

Quem nunca viu venham vê,

O povo nas enfileiras,
 Todo vestido de branco,
 Em traje de lavadeira.

S. Gonçalo é um santo,
 É de Deus mais estimado,
 É dos Anjos mais aplaudido,
 É do povo festejado.

O tocador de rebeca
 Se chamava Manoel;
 Quando este homem morreu,
 Sua alma foi ao céu.

O tocador de adufo
 Era o mesmo S. Gonçalo,
 Com seu cajado na mão
 E a hóstia consagrada.

O tocador de padeiro
 Tem a sua devoção,
 Dando viva a S. Gonçalo
 Com seu pandeiro na mão.

O tocador de viola
 Toca viola sereno,
 As senhoras dançarinas
 De vergonha tão morrendo.

Quem dançar o S. Gonçalo
 Há de ter o pé ligeiro,
 A depois não vão dizendo
 Tem barroca no terreiro.
 Meu divino S. Gonçalo,
 Com sua fita vermeia,
 Eu pedi meia vara,
 Ele me deu vara e meia.

Meu divino S. Gonçalo,
 Tem sua fita amarela,
 Eu pedi meia vara,
 Me deu a vara dela.
 (QUEIROZ, 1956, p. 52, 53.)

No culto a São Gonçalo, no Vão do Moleque, persistem elementos comuns aos identificados na Bahia, mas de forma fragmentada, como pode ser confirmado nos trechos abaixo:

Nas horas de Deus amem.
 Padre, Filho, Espírito Santo.
 Lelé veludo

São Gonçalo ajuda tudo,
Lelé veludo,
Quem Morrê fica sizudo.

Lelé em graça
São Gonçalo na vidraça;
Lelé do ramo,
São Gonçalo do Amarante.

Todos oremos que viva,
Viva meu São toro (santuário)
Todos oremos que viva
Viva São Gonçalo, viva.
(QUEIROZ, 1958)

No Vão do Moleque estão presente nos cânticos apenas as duas primeiras linhas dos versos cantados ainda hoje pela a comunidade no momento em que os foliões comem e rezam para agradecer pela comida.

A Romaria de São Gonçalo faz com que a comunidade do Vão do Moleque se reúna e organize a maior manifestação de toda a comunidade: o Império de São Gonçalo. Essa manifestação reúne mais de cinco mil pessoas, no período de 6 a 18 de setembro, convivendo e interagindo dos idosos até as crianças de colo. É o momento de padrinhos, afilhados, parentes e conhecidos se reencontrarem anualmente, fazerem festas, contarem as novidades e matarem saudades.

São Gonçalo é considerado pela comunidade um santo solitário, pois quando é comemorado o seu reinado não existe uma Imperatriz, apenas o imperador. As pessoas idosas da comunidade Vão do Moleque contam que quando era escolhida uma Imperatriz ela morria antes de fechar o ano, então nunca foi coroada uma mulher como Imperatriz de São Gonçalo na Romaria de São Gonçalo nessa comunidade.

Segundo a antropóloga Baiocchi (1999, p. 67): “O Império de São Gonçalo do Amarante assemelha-se ao Auto dos Congos e lembram as cerimônias que, em 1674, se realizavam no Brasil, a coroação dos Reis do Congo eleitos pelos africanos e seus descendentes”.

Três santos, São Gonçalo, São Sebastião e Nossa Senhora do Livramento, eram cultuados juntos. Quando os negros, que se escondiam nos buracos das serras, desciam dos morros para a celebração de Nossa Senhora do Livramento, que os livravam de todos os males, aproveitavam para cultuar São Gonçalo, santo alegre e casamenteiro, e São Sebastião, guerreiro e persistente.

Com o fim da escravidão, os ex-escravos desceram das serras e começaram a cultuar também São Sebastião, cujo culto ocorria no mês de julho. Fizeram um festejo próprio para esse santo, enquanto São Gonçalo continuou a ser comemorado junto com Nossa Senhora do Livramento.

Os romeiros vão para a festa agradecer, pagar promessas, fazer novos pedidos a Nossa Senhora do Livramento e a São Gonçalo, e também comemorar os momentos de alegrias que tiveram no decorrer do ano.

2.5.Nossa Senhora do Livramento

A crença de que a santa Nossa Senhora do Livramento é milagrosa levou seus fiéis mais antigos à prática de, na calada da noite, pegarem a sua imagem e raspar-lhe os pés, onde colocavam e bebiam água para se curarem de alguma enfermidade. Devido a essa fé muitas pessoas já tentaram roubar a imagem da Santa.

Nossa Senhora do Livramento é muito respeitada entre os romeiros, pois é considerada a Santa que livra os negros de todos os males. Segundo relatos Nossa Senhora do Livramento foi encontrada por negros na própria comunidade, mas não se sabe quem nem quando a encontraram, então construíram uma igreja nesse lugar para cultuá-la. A igreja, feita de folhas e ramos, era construída no dia 15 de setembro, quando os negros desciam o morro para louvarem a santa, fazerem e cumprirem suas promessas. Terminado o culto os negros desmanchavam a igreja que era para não deixarem rastros e subiam novamente o morro.

Nossa Senhora do Livramento até hoje é venerada pelos moradores da comunidade Vão do Moleque. A devoção é tão grande que não faltam promessas para levantar o mastro, uma espécie de estandarte dedicado ao santo no seu dia. Os devotos também são generosos ao cumprirem suas promessas, que muitas vezes além de serem pagas com rezas e penitências, são pagas em quantias bastante significativas de dinheiro.

No dia 15 de setembro, dia de Nossa Senhora do Livramento, acontecem casamentos e batizados. Acredita-se que a Santa vai proteger os casais e as crianças que foram casadas e batizadas no seu dia, passando a ser considerada a madrinha de casamento e de batismo desses fiéis.

2.6.São Sebastião

São Sebastião é conhecido na comunidade Vão do Moleque como santo guerreiro. Ele é o Santo que promove a paz entre seus fiéis.

Na comunidade Vão do Moleque São Sebastião é comemorado em três datas diferentes. No dia 20 de janeiro realiza-se uma festa em sua homenagem; no período de 11 a 20 de julho acontece a Romaria de São Sebastião; e, em 13 de setembro é realizado o levantamento de seu mastro.

2.7.As novenas

As novenas da romaria de São Gonçalo, rezadas pelos rezadores da comunidade, começam no dia 6 e terminam no dia 14 de setembro. O senhor Emídio, conhecido rezador da comunidade Vão do Moleque, é o “cabeça” da reza, ele inicia e os demais acompanham. Reza-se o terço, a ladainha e depois os demais benditos.

Em todas as novenas rezadas tem um “bendito de louvor” para cada santo que é levantado o mastro: São Gonçalo, Nossa Senhora do Livramento e São Sebastião.

O louvor a Nossa Senhora do Livramento é tão piedoso que os fiéis choram ao aclamá-lo. Choram de emoção pela Santa ter livrado de males ou por ter alcançado algum milagre, ou ainda por curado de alguma enfermidade.

Apresentamos a seguir algumas rezas selecionadas pela pesquisadora (Nilça Fernandes) dentre as que foram rezadas durante as atividades religiosas na Romaria de São Gonçalo.

Reza de Nossa Senhora do Livramento

Bendito louvado seja meu santíssimo sacramento.
Bendito louvado seja meu santíssimo sacramento,
rainha de céu coroada Senhora do Livramento.

Quem quiser entrar na gloria lá no céu tem
cabimento.

Quem quiser entrar na gloria lá no céu tem
cabimento,
quem tiver a devoção com Senhora do Livramento.

Quando menino Jesus nasceu o mundo todo cheirou.
Quando menino Jesus nasceu o mundo todo cheirou.
Nas quatro parte do mundo arvore secas enflorou.

Seca grande está pra entrar por causa dos nossos
pecados.

Seca grande está pra entrar por causa dos nossos
pecados.

Senhora do Livramento vai ser a nossa advogada.

Três mistérios que Deus deixou no coração de Maria.
Três mistérios que Deus deixou no coração de Maria.
É o terço a boca da noite e salve rainha meio dia.

Três mistérios que Deus deixou três arvorezinhas
plantadas.

Três mistérios que Deus deixou três arvorezinhas
plantadas.

É o terço a boca da noite e o frio de madrugada.

Três mistérios que Deus deixou no coração de Jesus.
Três mistérios que Deus deixou no coração de Jesus.
E o terço a boca da noite lá nos pés da santa cruz.

Três mistérios que Deus deixou em nosso rosário têm.
Três mistérios que Deus deixou em nosso rosário têm.
Fecha a porta do inferno pela todo sempre amém.

O louvor a São Gonçalo é alegre, parece querer transparecer a alegria de ter vencido mais um ano de luta, com paz, saúde e felicidade. Comemoram os nascimentos das crianças e o casamento dos jovens com banquetes, comes e bebes e louvor ao Santo.

Reza de São Gonçalo

(rezada durante as atividades religiosas na Romaria de São Gonçalo. Fonte: Nilça Fernandes, 2013)

Acolá é vem um velho.
Velho de muita alegria.
Parecendo São Gonçalo
filho da virgem Maria (3 vezes).

O cântico de louvor a São Sebastião não é tão piedoso como o de Senhora do Livramento, e nem tão alegre quanto o de São Gonçalo, mas é um bendito emocionante.

Reza de São Sebastião

(rezada durante as atividades religiosas na Romaria de São Gonçalo. Fonte: Nilça Fernandes, 2013)

Que santo é aquele que é lá de fora
Que santo é aquele que é vem de lá de fora,
E o São Sebastião com Nossa Senhora.
Que santo é aquele que é vem de lá de dentro.
Que santo é aquele que é vem de lá de dentro

E o São Sebastião com a santa Efigenia.
Que santo é aquele que é vem de lá no andor.
Que santo é aquele que é vem de lá no andor ,
E o São Sebastião com o Nosso senhor. (3 vezes).

Todos esses louvores são rezados durante o momento da reza que acontece no período de 6 a 18 de setembro.

Na tabela abaixo, estão registradas as descrições dos passos de todas as atividades que acontecem na festa Romaria de São Gonçalo.

Tabela 1- Momentos da Romaria de Império de São Gonçalo

Datas	Atividades
06/09	Novena
07/09	Novena

08/09	Novena
09/09	Novena
10/09	Novena
11/09	Novena
12/09	Novena
13/09	Novena, chegada do Imperador e levantamento do mastro de São Sebastião.
14/09	Última novena e levantamento do mastro de São Gonçalo
15/09	Batizados; casamentos; folia de cipó (folia de São Gonçalo); levantamento do mastro de São Gonçalo; ensaio para o Império (conhecido como às 8h); levantamento do mastro de Nossa Senhora do Livramento.

Fonte: Nilça Fernandes, 2013

2.8.Os mastros

Na romaria de São Gonçalo levantam-se os mastros de São Sebastião, São Gonçalo e Nossa Senhora do Livramento.

No dia 13 de setembro, após a realização da novena, acontece o levantamento do mastro de São Sebastião. São Sebastião é comemorado dia 20 de janeiro, mas na comunidade Vão do Moleque a sua festa e folia acontecem no mês de julho, do dia 11 a dia 20. O mastro de São Sebastião é retirado no dia 18 de setembro, junto com os mastros de São Gonçalo e de Nossa Senhora do Livramento.

As imagens a seguir são registros desses momentos:



Foto levantamento do mastro de São Gonçalo na Romaria de São Gonçalo. Fonte: (Nilça Fernandes, 2013).



Fonte: (Nilça Fernandes, 2013).

Logo após a última novena, dia 14 de setembro, são levantados os mastros de São Gonçalo, acompanhada por cantos e louvores. O mastro de São Gonçalo só pode ser levantado por um dos homens que estão confinados no Mordomo a espera da vez de ser Imperador.

No dia consagrado a Nossa Senhora do Livramento, dia 15 de setembro, é levantado o seu mastro e seguida pela realização de uma reza ou a missa. Esse mastro pode ser levantado por qualquer pessoa que deseje levantá-lo, inclusive crianças.

Nos dias 13, 14 e 15 de setembro, logo após a reza ou a missa, acontece o levantamento dos mastros, momentos marcantes na Romaria de São Gonçalo. Os festeiros Molequenses saem dando voltas em torno da igreja, com os santos no *andor*, ao som de caixa, zabumba, sanfona, triângulo e pandeiro. Seguem tocando e cantarolando louvores ao santo desejado até completar três voltas em torno da igreja. Os festeiros Molequenses e visitantes acompanham a cerimônia carregando as tradicionais candeias de cera, utilizadas durante os rituais que acontecem à noite.

Além do levantamento do mastro de Nossa Senhora do Livramento, que acontece no dia 15, há também os casamentos e batizados realizados ao longo do dia. Logo após esses acontecimentos têm-se os comensais e bebês por conta dos pais que batizam ou casam seus filhos.

2.9. Sussa

Ao terminar de subir o mastro naquele mesmo espaço são distribuídas bebidas e ao som da batucada da sussa os homens, mulheres e crianças cantam e dançam. Fazem desse um grande momento em homenagem ao masteiro.

Eis alguns cânticos de levantamento dos mastros:

Imperador, Imperador a bandeira do mastro levantou (3 vezes)
 Hoje eu sou amanhã eu não a bandeira do mastro Imperador
 E para descer o mastro o cântico é diferente:
 Adeus Rei adeus Rainha até por ano se Deus quiser (3 vezes)

(Rezada durante as atividades religiosas na Romaria de São Gonçalo. Fonte: Nilça Fernandes, 2013)

Percebe-se que não há uma cultura pura na comunidade Vão do Moleque, assim como em todo o Brasil, mas a comunidade ainda mantém traços da cultura de origem africana, como é o caso da dança do batuque conhecido também pelo nome de Sussa. Era o que dançavam antigamente, antes da chegada do forró e de outras danças.

Sendo São Gonçalo um violeiro solitário, os primeiros negros a cultuá-lo traziam a alegria de sua gente e da sua terra natal para amenizar a dor da saudade, dos castigos e dos maus tratos que sofriam. Depois essa manifestação se tornou uma tradição pelos descendentes de escravos, como forma de sempre se lembrarem de onde vieram.

Até mesmo o pai de estoque é originado da tradição do Congado africano. O pai de estoque nos lembra dos desafios, a submissão e a obediência forçada que enfrentavam naquele momento.

2.10. A folia de Cipó

A Folia de Cipó sai do barracão de festa e gira de barracão em barracão levando glória e paz para os festeiros. Ela sai às 14h e “arremata”, isto é, termina após girar por todos os ranchos e passar pela igreja, às 18h do dia 15 de setembro. Além dos foliões que cantam nos ranchos existem também os “procuradores”, espécie de casais de jovens que saem nos ranchos procurando e arrecadando as esmolas durante a Folia. A Folia de Cipó é igual ao mastro de São Gonçalo, apenas os membros do Mordomo podem ser encarregados, ou então o dono da Folia. A seguir uma fotografia que registra a folia de cipó.



Foto do momento da Folia de cipó na Romaria de São Gonçalo na comunidade Vão do Moleque. Fonte: (Nilça Fernandes 2013)

2.11. Às Oito Horas

No dia 15 de setembro, às oito horas da noite, acontece o momento das “oito horas”, momento no qual o Imperador vai à igreja beijar São Gonçalo.

Após o arremate da Folia de Cipó os rezadores, junto com os festeiros, fazem um cortejo e acompanham o Imperador até a igreja, onde ele poderá beijar São Gonçalo e fazer as suas preces. Após retornar da igreja tem os “comes e bebes” para os festeiros da Romaria, seguidos pelo forró. É o início do momento de dançar que vai até amanhecer o dia.

Esse cortejo, antes de entrar na igreja, dá três voltas em torno dela, cantando e louvando São Gonçalo ao som da batucada da caixa, triângulo, sanfona e pandeiro. Neste cortejo utilizam-se as tradicionais candeias de cera na varinha para iluminar o caminho durante o percurso.

2.12. O Sino

Em todos os momentos religiosos que acontecem dentro da Romaria o Sino é uma peça fundamental, ele está sempre presente nas rezas, nos mastros, nas oito horas, e principalmente, no momento do Império de São Gonçalo.

O Sino que está na Capela da comunidade Vão do Moleque é de 1836, quem tomava conta dele era um Senhor já falecido, conhecido na comunidade Vão do Moleque por Miguel dos Anjos. Hoje esse Sino fica na capela e só é utilizado durante a Romaria de São Gonçalo.

2.13. O império

Chega o grande dia tão esperado pelos romeiros: dia 16 de setembro, data do Império de São Gonçalo. Logo cedo os festeiros começam os preparativos, e as crianças destinadas a “anjos” são preparadas e vestidas de branco, usam asinhas de anjo e coroa branca na cabeça. São elas que levam as vasilhinhas com os nomes dos Mordomos.

As “enfeitadeiras” também são preparadas para acompanhar o Imperador na sua jornada. Vestem vestidos de festa, de preferência longos, para acompanhar os trajes do Imperador. Elas representam a rainha que acompanha o Imperador nesse momento tão solene. O Imperador veste terno preto ou cinza e gravata combinando com uma coroa dourada na cabeça.

A imagem a seguir é um registro desses momentos.



Fonte: (Nilça Fernandes, 2013)



Foto do momento do Império de São Gonçalo da comunidade vão do Moleque. Fonte: (Nilça Fernandes, 2013)



Foto dos músicos que acompanham o Império de São Gonçalo na Romaria de São Gonçalo na comunidade Vão do Moleque. Fonte: (Nilça Fernandes, 2013).

O cortejo então está pronto e esperando pelo momento da saída, que geralmente acontece às 14 horas do dia 16. Na hora definida, em frente ao barracão, o “alferes” pega a bandeira de São Gonçalo e o “pai de estoque” pega a espada. Ao alferes faz a continência com a bandeira, o pai de estoque repete com a espada e depois faz um gesto de desafio à bandeira. O Imperador e seus súditos assistem de pé todo o ritual que se repete três vezes.

A “corte” parte para a igreja: a bandeira e a espada na frente; em seguida o Imperador, acompanhado pelas “Enfeitadeiras” e pelos “Anjos”; mais atrás o restante da família; e por fim as demais pessoas. “As varinhas do Império” é quem separam a corte das outras pessoas. Elas são enfeitadas com papel crepom e as quatro fazem um quadrado onde seguem todos para a igreja.

Na frente da igreja repetem o ritual da bandeira e da espada, logo após todos entram na igreja para dar início à cerimônia do Império. O Imperador se senta em um lugar de destaque preparado para ele, as “Enfeitadeiras” e os “Anjos”. Enquanto isso os rezadores realizam o rito religioso.

Após a realização do ritual começa o momento da escolha do novo Imperador e das novas “Enfeitadeiras”. Os nomes dos Mordomos são colocados em uma vasilha enfeitada com papel crepom e a resposta do Mordomo sorteado fica em outra vasilha, também enfeitada com papel crepom. Um dos “Anjos” pega o Mordomo e o outro Anjo pega a “Resposta do Mordomo”, após o termino da leitura do Mordomo a corte volta para o barracão para começar as comemorações de ter conseguido com êxito realizar esse momento.

Logo após as comemorações o antigo Imperador, junto com sua corte, leva a coroa para ser entregue ao novo Imperador que a recebe com alegria, fazendo grandes comemorações com “comes e bebes”, e o resto da noite é por conta do novo Imperador. Cada pessoa só pode ser Imperador uma única vez, depois disso ele só pode ajudar nos preparativos e auxiliar os novos Imperadores em suas jornadas.

A escolha das crianças para se tornarem Anjos é feita pelo Imperador ou por promessa que a criança precisa cumprir. As crianças destinadas a Anjos têm entre 5 e 7 anos de idade.

2.14. Fim da romaria

No dia 17 de setembro a festa continua com o novo Imperador, mas parte dos festeiros começa a retornar para suas casas e para os seus afazeres. O novo Imperador e seus familiares, os masteiros e mais algumas pessoas ficam esperando o dia 18, quando serão descidos os mastros. Depois retonam para suas vidas normais.

2.15. Dicionário

Anjos: Casais de crianças entre 5 a 8 anos de idade, vestidas de anjos, que acompanham o Imperador na ida para a igreja.

Arrematar: Terminar a Folia.

Ás oito horas: Momento destinado para o Imperador ir beijar São Gonçalo.

Barracão: Espécie de residência dos Imperadores durante a Romaria. É também o lugar onde acontecem os comes e bebes e a dança.

Batuque: Espécie de dança, conhecido na comunidade Vão do Moleque também por Sussa.

Bendito de louvor: Espécie de canto religioso para louvar os santos e os devotos.

Bendito de mesa: Canto religioso que os foliões cantam, agradecendo pela comida, louvando os santos e os donos da casa, depois de terem almoçado ou jantado.

Candeia de Cera: Espécie de luminária feita de pavio de algodão misturado à cera de abelhas.

Comes e bebes: Comidas e bebidas distribuídas durante os momentos que acontecem na Romaria.

Corte: Grupo de pessoas que acompanham o Imperador durante as cerimônias que acontecem durante a Romaria.

Enfeitadeiras: Meninas escolhidas para enfeitar a igreja e o barracão. Serve também de acompanhante do Imperador na ida para a igreja.

Folia: Grupo de homens, que saem girando com uma bandeira de determinado santo de casa em casa cantando, dançando e louvando o santo e os moradores.

Folia de Cipó: Folia que gira em apenas um dia, dentro da Romaria.

Império: Ritual religioso com a presença de reis, rainhas e anjos vestidos a caráter.

Masteiro: Pessoa que levanta o mastro.

Mordomo: Homens escolhidos para servir São Gonçalo antes de se tornar Imperador.

Pai de estoque: Espécie de Alferes que carrega a espada ao invés de bandeira.

Procuradores: Casais de jovens que saem na frente da Folia de Cipó procurando e arrecadando esmolas destinadas ao santo.

Ranchos: Espécie de barracos feitos de palha de coco dendê. Muito utilizado nas Romarias.

Reza: Conjunto de orações, e bentitos rezados nas peregrinações religiosas.

Romaria: É o conjunto dos momentos religiosos e festivos que a comunidade faz. Espécie de peregrinação religiosa.

Santo no andor: santo no altar ou elevado até a altura do peito. Elevado para ser coroado ou para subir ao mastro.

Sussa: Dança tradicional do território Kalunga, dançada na comunidade Vão do Moleque.

Vagem da capela: Lugarejo que existe na dentro da comunidade Vão do Moleque.

Varinhas do império: pedaço fino de madeira coberto com papel crepom, que durante o Império serve para separar o Imperador das demais pessoas.

CAPITULO 3

3. TRANSFORMAÇÕES NA ROMARIA NA SÃO GONÇALO

Para Nogueira (2009) a identidade se constitui num termo polissêmico, utilizado em diversos contextos e para designar realidades ou aspectos da realidade também relativamente diversos.

A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo e uma das obras mais significativas da literatura universal contemporânea é dedicada a ela: Em busca do tempo perdido, do escritor francês Marcel Proust. Para Proust, como para alguns filósofos, a memória é a garantia de nossa própria identidade, e podermos dizer “eu” reunindo tudo o que fomos e fizemos a tudo que somos e fazemos. (CHAUÍ, 2000, p. 158)

A comunidade Vão do Moleque precisa preservar sua memória para fortalecer a sua identidade e a Romaria de São Gonçalo é parte de sua identidade cultural. Chauí (2000, p. 161) registra que a memória é essencial para a preservação da identidade de um povo.

A comunidade quilombola Kalunga, do Vão do Moleque, é uma comunidade tradicional onde a presença da tradição está ainda muito entrelaçada com a sua identidade. O registro da Romaria de São Gonçalo significa trazer a memória como uma atualização do passado, ou a presentificação do passado, e é também registro do presente para que permaneça na lembrança, como afirma Chauí (2000).

Em nossa sociedade, a memória é valorizada e desvalorizada. É valorizada com multiplicação dos meios de registro e gravação dos fatos, acontecimentos e pessoas (computadores, filmes, vídeos, fitas cassetes, livros) e das instituições que os preservam (bibliotecas, museus, arquivos). É desvalorizada porque não é considerada uma atividade essencial para o conhecimento – podemos usar máquinas no lugar de nossa própria memória – e porque a publicidade e a propaganda nos fazem preferir o “novo”, o “moderno”, a “última moda”, pois a indústria e o comércio só terão lucros se não conservarmos as coisas e quisermos sempre o “novo”. (...) A desvalorização da memória aparece, por fim, no descaso pelos idosos, considerados inúteis e inservíveis em nossa sociedade, ao contrário de outras em que os idosos são portadores de todo o saber da coletividade, respeitados e admirados por todos. (CHAUÍ, 2000, p. 161)

Diante do enunciado de Chauí é possível refletir que a comunidade Kalunga é constituída de memória, e neste momento está sendo bem valorizada pelos pesquisadores, pois esse é o único jeito

de se conhecer a história do povo quilombola Kalunga.

Por outro lado essa história é também desvalorizada, pois a oralidade, meio de transmissão que os anciãos utilizam para transmitir as lembranças, não é devidamente aproveitada nestes momentos, e ela se perdendo junto aos anciãos, deixando apenas fragmentos do que já foi um dia.

Chauí, (2002) considera limitada a ideia de pensar a memória apenas como “registro”, levando em conta que o fenômeno da lembrança ainda é algo que não se explica claramente, bem como não se explica a seletividade da memória. Segundo a autora:

[...] selecionamos e escolhemos o que lembramos e a lembrança, como a percepção, tem aspectos afetivos, sentimentais, valorativos (existem lembranças alegres e tristes, saudade, arrependimento, remorso). [...] também não se pode explicar o esquecimento, pois se tudo está espontânea e automaticamente registrado e gravado em nosso cérebro, não poderíamos esquecer coisa alguma, nem poderíamos ter dificuldade para lembrar certas coisas e facilidade para recordar outras. (CHAUÍ, 2002, apud Custódio, 2012, p. 4).

“Esquecer é ficar privado de memória e perder alguma coisa. Algumas vezes, porém, essa perda é um bem, pois esquecer alguma coisa terrível é ultrapassá-la para poder viver novamente”. CHAUÍ, (2000 p. 164)

Hoje o povo Kalunga tem outra visão, pois estão procurando perder o receio do passado. Entretanto, a memória ficou fragmentada. Maurice Halbwachs (2006) identifica na memória a função de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela “adesão afetiva”, ao proporcionar ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo que compartilha memórias, o que ele chamou de “comunidade afetiva”. Essa coesão é obtida, segundo ele, através dos quadros sociais da memória, mecanismos através dos quais os valores são compartilhados pelos diversos grupos sociais. Segundo afirma Jean Duvignaud (2006), no prefácio que escreveu para o livro de Halbwachs (2006):

[...] a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social *atual*, é da combinação desses diversos elementos que podem emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. (HALBWACHS, 2006, apud Custódio, 2012, p. 5)

A necessidade de reforçar a memória coletiva de todo o território Kalunga refere-se ao fato de todos pertencerem a um mesmo povo e também pela memória da comunidade Vão do Moleque estar fragmentada.

A pertença de sujeitos/pesquisadores à comunidade tem contribuído com a compreensão da cultura local, inclusive nos aspectos linguísticos. Eles ajudam na compreensão de palavras ou frases de origem desconhecida, como o *batuque*, por exemplo, que se imagina pode ser de origem Banto, mas que não existem provas por falta de memória. Hoje as palavras fazem sentido para esses sujeitos, mas antes eram consideradas como o vocabulário do kalungueiro.

Há dois significados iniciais da noção de cultura: o primeiro, vindo do verbo latino *colere*, que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar. A partir do século XVIII, cultura passa a significar os resultados daquela formação ou educação dos seres humanos, resultados expressos em obras, feitos, ações e instituições: as artes, as ciências, a Filosofia, os ofícios, a religião e o Estado. Torna-se sinônimo de civilização, pois os pensadores julgavam que os resultados da formação-educação aparecem com maior clareza e nitidez na vida social e política ou na vida civil (a palavra *civil* vem do latim: *cives*, cidadão; *civitas*, a cidade-Estado) (CHAUÍ, 2000, p. 372).

Entre as duas definições de Chauí (2000), sobre os significados de cultura, a primeira definição foi ao encontro da pesquisa realizada sobre a Romaria de São Gonçalo na comunidade Vão do Moleque.

Segundo Diegues (2001):

Não existe uma definição precisa para comunidades tradicionais. O Brasil apresenta grande variedade de modos de vida e culturas diferenciadas que podem ser considerados “tradicionais”. De modo geral, as populações tradicionais podem ser divididas entre populações indígenas e não indígenas. Entre as populações não indígenas estão quilombolas, extrativistas, pescadores, camponeses/agricultores familiares, entre outros. Esses grupos são frutos da intensa miscigenação entre o branco colonizador, a população indígena nativa e o escravo negro. Historicamente, são populações de pequenos produtores que se constituíram ainda no período colonial, nos interstícios da monocultura e de outros ciclos econômicos (DIEGUES, 2001, p. 22)

Para o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS):

O termo Comunidades Tradicionais surgiu no âmbito do movimento ambientalista, referindo-se àqueles grupos sociais que vivem em contato com o meio ambiente, adotando formas próprias de utilização dos recursos naturais e possuindo características socioculturais diferenciadas em relação ao restante da população brasileira, ainda que interagindo e compartilhando práticas e hábitos. Estes grupos utilizam seus territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e

econômica, por meio de conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. Dessa forma os territórios tradicionais são os espaços necessários à reprodução cultural, social e econômico de forma permanente ou temporária, observando, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas (Constituição e 68 do Ato das Disposições Constituintes Transitórias e demais regulamentações).(MDS 2010, p 11)

As definições de Diegues (2001) e do MDS (2010) identificam as comunidades tradicionais mostrando os diferentes povos tradicionais, dentre os quaisse destacam os Quilombolas.

Segundo o MDS (2010, *apud* O’Dwyer, 2002, p. 18) a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) considera que quilombos não são grupos isolados e não podem ter como critério de definição apenas a raça negra, mas “[...] consistem em grupos que desenvolveram suas práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e consolidação de um território próprio.” Esse conceito facilitou a implantação de políticas públicas voltadas às necessidades dos quilombolas e outras comunidades tradicionais.

As folias tradicionais, as festas boca de noite e o modo de produção fazem parte das características da comunidade Vão do Moleque, que vem lentamente perdendo suas características. Essa perda é motivada pela pressão da imposição das novas tecnologias alienatórias que se infiltraram na comunidade fetichizando os moradores ao ponto de não perceberem que ao invés de as usaremestão sendo usados por elas, e da mesma forma as doutrinas religiosas evangélicas, que estão fortes na comunidade e contribuem para a perda das tradições.

Na comunidade Vão do Moleque ainda é muito forte a tradição oral, pois algumas coisas ainda são transmitidas por meio da oralidade, como é o caso das rezas e dos cânticos às divindades, que sempre foram feitos do mesmo modo que aprenderam com seus antepassados. E de alguns anos para cá essa transmissão vem sofrendo alterações devido o enunciado e o significado desse enunciado.

A comunidade viveu isolada durante anos, assim ninguém questionava o vocabulário do povo Kalunga, mas depois que a escola começou a impor a língua padronizada o modo de falar do kalungueiro passou a ser visto como feio e errado e todos tiveram que falar a mesma língua. Isso teve uma grande repercussão dentro das famílias, pois muitas vezes os filhos sentiam vergonha dos pais porque eram analfabetos e não falavamcorretamente como a escola ensinava.

Desse modo os mais jovens começaram a criticar esse linguajar e às vezes que iam às cerimônias ironizavam a linguagem durante as orações e cantos. Isso ocasionou a desmotivação

desses jovens em aprender o que era ensinado pelos anciãos, pois se aprendessem com o mesmo linguajar que era ensinado pelos mais velhos, considerado incorreto, seriam motivos de zombarias entre as pessoas da cidade que participava das tradições festivas da comunidade. E por outro lado se tentassem traduzir para a língua considerada padrão as palavras ou os versos falados não faziam sentido, não possuíam ligação de uma coisa com a outra.

Diante disso todas as tradições orais, festivas e religiosas, bem como a língua materna, foram se modificando e até mesmo perdendo sua importância dentro da comunidade. E a escola é que deveria assumir o papel de fortalecer a identidade desse povo, ao invés de destruí-la, pois“(…) cabe à escola formar professores e alunos que aprendam e se reconheçam na contemporaneidade de descendentes de africanos escravizados”. (MOURA, 2012, p.29).

Mesmo com a vigência da Lei 9639, que obriga as escolas a inserir o ensino sobre Afrodescendentes, elas não trabalham tendo como base a vida dos alunos, mas sim o mercado de trabalho, que é algo que quase não faz sentido para os kalungueiros.

As mudanças estão por toda comunidade Vão do Moleque, nada é mais como era antes. Mudou o modo de falar, de vestir, até o modo de resistência mudou, a comunidade perdeu a vontade de lutar pela dignidade de sua gente.

Antigamente a Romaria de São Gonçalo era feita como se faz nas outras tradições festivas da comunidade, que são distribuídas comida para os festeiros todos os dias de festa. Hoje a Romaria de São Gonçalo é feita dando comida apenas em um único dia, que é o dia do Império de São Gonçalo, pois essa festa reúne em torno de cinco mil pessoas durante o período de 6 a 18 de setembro, e a comunidade não tem condições financeiras de suprir essas despesas.

Durante muitos anos o governo brasileiro ignorou sua existência a comunidade Vão do Moleque, que permaneceu isolada. Isso provocou o aumento da distância entre comunidade e Estado e tornou as pessoas cada vez mais vítimas dos açoitamentos e dos preconceitos, ocasionando um grande atraso no desenvolvimento dessa comunidade, que sempre resistiu às “chibatadas da vida” dignamente.

Antes eram dominados pelos senhores de escravos, hoje são dominados pelo Sistema Capitalista que os mantém a rédeas curtas com seus “Programas” que mais exploram do que ajudam, e com suas políticas de compensação que mais tiram do que dão. É notável o fato de os instintos de sobrevivência da comunidade estarem abalados e de eles poderem até se extinguirem devido à falta de políticas públicas que atendam realmente essa comunidade, investindo

nossujeitos enquanto seres humanos, lhes proporcionado meios de se manterem na comunidade com dignidade, sem necessariamente depender de bolsas que não são suficientes para as famílias, e que são apenas mais programas ativos, os quais podem vir a ser desativados dependendo de quem tiverem no poder.

A comunidade Vão do Moleque vem sofrendo transformações a cada dia. O Sistema vem agredindo de forma violenta essa comunidade, iludindo as pessoas com o novo, confundindo os seus pensamentos, fazendo-as pensar que o moderno é o melhor e o antigo é atrasado e ruim. Por exemplo, a dança da Sussa na comunidade perdeu sua importância nos momentos de lazer do Vão do Moleque e hoje em dia só é dançada nas folias e nos levantamentos de mastros. Em outros momentos só dançam o forró, que nada tem a ver com a nossa cultura, pois ele é de origem nordestina.

São Gonçalo veio em companhia de alguns dos negros que vieram da Bahia para as minas de ouro de Cavalcante e acabou chegando à comunidade Vão do Moleque, e é cultuado até os dias de hoje. Segundo o senhor Fernando, 70 anos, a Romaria de São Gonçalo mudou bastante. Antigamente a comida era distribuída todos os dias de festa, pois quem participava eram apenas as poucas pessoas da comunidade. Hoje matam sete a oito vacas para distribuir apenas em um dia e às vezes ainda é suficiente para todos os presentes. Na opinião do senhor Fernando os visitantes da Romaria de São Gonçalo trazem muita alegria para a festa. Ele não percebe que está sendo aculturado e nem que isso prejudica a comunidade.

As pessoas idosas contam que antigamente a comunidade se reunia para limpar e desmontar o festejo e cada um limpava seu rancho e queimava o entulho. Os arredores eram limpos coletivamente. Hoje a limpeza é feita pela equipe da Prefeitura de Cavalcante.

Uma semana antes da Romaria os festeiros limpam seus barracos e colocam os entulhos na praça do festejo, que é recolhido pela equipe que faz a limpeza recolhe o lixo das praças e avenidas. Utilizando tratores transportam e queimam todo o entulho fora do espaço do festejo. Essa limpeza acontece novamente após os festejos, especificamente no período de 12 a 16 de setembro, haja vista se tratar de uma área de 400 metros, frequentados por pessoas que não se preocupam com a sujeira que deixam no local.

Nas proximidades do local do festejo passa o córrego Porco, mais conhecido como rio esporco. Os festeiros utilizam suas margens para acampar durante o dia, lá lavam suas louças e

roupas, preparam alimentos e tomam banho. No final da Romaria o lixo deixado pelos romeiros fica por toda parte.

A maior preocupação com esse córrego é que ele abastece uma escola mais de 80 famílias que vivem na comunidade. Então, preocupa a comunidade esse trato com o rio, pois em uma festa que chega a reunir aproximadamente cinco mil pessoas, durante doze dias, os romeiros usam o córrego para diversas atividades, tais como: limpar frangos, peixes, buchos e tripas de gado; lavar louças, em cuja atividade acabam deixando restos de comida e gorduras nas águas e nas margens; tomar banhos; depositar papéis e roupas velhas nas águas e nas margens; e às vezes até para fazer as suas necessidades fisiológicas.

Após a festa os moradores não conseguem consumir a água devido ao mau cheiro e à sujeira; a escola fica sem aula ou diminui os horários letivos esperando a água limpar ou até que seja providenciada água potável para a escola. A comunidade fica a mercê de suas próprias condições. Quem tem condições de buscar a água a mais de três quilômetros, bebe a água limpa, mas ainda assim toma banho e lava suas louças no rio. Mas quem não tem nenhuma condição consome a água assim mesmo, correndo o risco de contaminação, principalmente entre crianças e idosos.

Esse córrego traz muita preocupação para os moradores da Maiadinha, pois como o córrego é pequeno e muita gente depende de suas águas para tudo, inclusive para os animais, o rio não suporta e seca e acaba secando seu leito em alguns pontos. A pouca água que fica é dividida com os animais, e como o rio não possui cercas ao redor, muitas vezes esses animais ao entrarem para beber água acabam morrendo dentro do rio, acontecendo de serem achados já podres, o que impossibilita a sua retirada para fora da água. Os moradores da Maiadinha estão clamando por socorro desesperadamente, mas o governo sempre ignorou esses pedidos, assim como ignorou toda a comunidade do Vão do Moleque por mais de cem anos.

Seu Fernando e os demais moradores acham bonito o que vem de fora para dentro da comunidade, entretanto percebem certa resistência quanto à entrada da igreja evangélica na comunidade, pois ela proíbe seus seguidores de participar das tradições festivas e acaba por difamar os santos que são tão venerados pela comunidade.

Os santos que antes os livraram dos males, que faziam milagres e atendiam aos pedidos, de repente perdem o valor na boca dos evangélicos, para os quais não esses santos passam de “bolo de barro” sem nenhum significado. Seu Fernando diz que se isso continuar a acontecer os

Kalungas não serão mais os Kalungas que através das tradições mantinham seu povo unido e lutando por um futuro melhor para os filhos da comunidade.

Percebe-se que ao longo dos anos todas as tradições festivas foram sofrendo modificações, e isso acontece devido à chegada de pessoas de vários lugares e de outras comunidades de costumes diferentes, trazendo novas culturas e se misturando com moradores da comunidade Vão do Moleque.

Um fator que também contribui para a ruptura das tradições festivas do Vão do Moleque é que antes a festa da Romaria de São Gonçalo era o local de negociações comerciais tradicionais. Hoje boa parte das práticas tradicionais, como batizados e casamentos, raramente acontecem durante a Romaria. É comum hoje em dia as pessoas que vivem na comunidade irem às cidades vender e comprar seus produtos.

Assim como outras tradições a Romaria de São Gonçalo está sendo fragilizada pela indústria cultural e pelas doutrinas religiosas que estão fortemente infiltradas na comunidade. Nesse sentido, o seu registro irá contribuir para a valorização e fortalecimento da identidade do povo Kalunga.

3.1.Desafios para a valorização das tradições o papel da escola do campo

A Educação do Campo parte da vida dos seus sujeitos para dentro da escola procurando vincular a realidade dos seus alunos com os conteúdos ensinados na escola tradicional, buscando tornar seus alunos em sujeitos críticos capazes de questionar sua própria realidade. Nesse sentido a LEdoC procurou proporcionar aos seus educandos momentos de reflexões sobre a realidade a qual cada um deles pertence, buscando mostrar que nada vem de graça. Se o sujeito do campo quiser conseguir algum direito respeitado precisa ser através de lutas coletivas em prol de um mesmo objetivo.

A Educação do Campo nasceu através de mobilização dos movimentos sociais. Ela é um conceito muito recente ainda, mas procura apreender fatos e fenômenos da construção histórica, buscando construir um paradigma teórico e político, mas não de maneira pronta e acabada, e também não é algo aleatório ou arbitrário, pois sua base formadora procura implementar numa tríade que engloba Campo- Políticas Públicas - Educação, procurando juntos materializar os direitos sociais dos sujeitos do campo através de políticas públicas.

A luta principal da Educação do Campo tem sido por políticas públicas que garantam o direito da população do campo à educação, e a uma educação que seja no e do campo. *NO*: as pessoas têm direito a ser educadas no lugar onde vivem; *DO*: as pessoas têm direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. E esta educação inclui a escola: hoje uma luta prioritária porque há boa parte da população do campo que não tem garantido seu direito ao acesso à chamada Educação Básica. Um dos fundamentos da Educação do Campo é que só há sentido em construir processos pedagógicos específicos às necessidades dos sujeitos do campo, vinculados à construção de um outro tipo de modelo de desenvolvimento. Não há sentido desencadear esforços para a produção de teorias pedagógicas para um campo sem gente, para um campo sem sujeitos, ou, dito de outra forma, para uma ruralidade de espaços vazios. (PPP LEdoC, p. 9)

As matrizes formadoras, ou princípios educativos da Educação do Campo, são o trabalho como princípio educativo, as lutas sociais, a organização coletiva, a cultura, a história, as vivências de opressão e o conhecimento popular. O que levou o homem a um processo de humanização foi o trabalho, não as ideias, nem mesmo as lutas. (BARBOSA, 2012, p. 106). A LEdoC aprofundou isso muito bem, trazendo o trabalho como princípio educativo e mostrando aos sujeitos que a principal transformação precisa partir primeiro do próprio sujeito e depois se estender ao seu redor.

Nesse sentido, o processo de construção de uma identidade coletiva que educa com suas discussões acirradas, conflitos de valores, contradições, é que vão colocando essa coletividade em construção, em movimento. (BARBOSA, 2012, p.107).

Sendo assim, a Romaria de São Gonçalo é de extrema importância para o fortalecimento da identidade dos moradores da Comunidade do Vão do Moleque, portanto merece atenção na escola. É necessário que a Romaria esteja contemplada nas matrizes curriculares dentro do calendário escolar. Hoje já existem leis e pareceres¹ que determinam que o calendário escolar precisa contemplar as especificidades de cada comunidade e é de responsabilidade do sistema de ensino regulamentar estratégias específicas para atender as escolas nestas Comunidades. É preciso que as escolas proponham atividades de aprendizagens para os alunos a partir da organização que a Romaria de São Gonçalo propõe.

A Educação do Campo nasce de um contexto histórico, através das muitas lutas dos povos do campo por uma escola viva, que vincula a vida de seus alunos com os conteúdos estudados na escola, respeitando as diversidades culturais e/ou tradicionais existentes nas comunidades.

¹Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996-LDB, na Lei nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996, e na Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, que aprova o Plano Nacional de Educação, e no Parecer CNE/CEB 36/2001, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação em 12 de março de 2002, no Decreto nº7.352, de 4 de novembro de 2010,

Levando-se em conta um dos princípios da Educação do Campo, qual seja o de incentivar a formulação de um PPP específico para as escolas do campo, e amparados também pelos Marcos Normativos, defende-se a ideia de que a escola da comunidade Vão do Moleque precisa estar atentas quanto à importância de introduzir a Romaria de São Gonçalo nas matrizes curriculares como parte do PPP da escola.

Atualmente o calendário escolar contém muitos feriados e dias santos que nada tem a ver com a história da Comunidade do Vão do Moleque. É necessário que se promovam atividades acerca desses dias para que eles não se tornem monótonos e vistos apenas como mais um feriado no calendário escolar, sem nenhuma importância para os alunos e ou para a Comunidade. Isso é o que propomos à tradição da Romaria de São Gonçalo, que se trabalhe nas escolas as temáticas relacionadas a essa tradição, inclusive o lixo que é deixado nos rios após a festa. Sendo assim toda organização da Romaria de São Gonçalo tem um sentido pedagógico, que ainda é ignorado pelas escolas da comunidade.

Enquanto quilombos consideram seus valores, a escola ignora a historicidade aprendida na origem do povo. Por isso, a educação formal desagrega, dificulta construir identidade ao mover o sentido de exclusão para o aluno que recebe “conteúdo ensinado x universo de experiência” nos currículos. (MOURA, N2012, p. 147).

As escolas precisam estar preparadas para atender as necessidades de seus alunos, pois se não houver um vínculo entre escola e comunidade em prol do aluno, consistindo em educar para a vida, essa escola não terá sentido e precisará ser revista em seus conceitos.

Registramos que só foi possível realizar este trabalho devido ao acúmulo de aprendizados que tivemos na LEdoC em diferentes disciplinas, a exemplo de CEBEP; Memória, História e Territorialidade; Pesquisa; e também pela disciplina de Estágio que foi trabalhada durante o andamento do curso, instigando os estudantes a perceberem os conflitos existentes na comunidade e provocando-os a analisarem e registrarem os fatos que antes pareciam tão simples, mas que agora são complexos diante dos olhos desses pesquisadores. Sujeitos que se dedicam a estudar diversos temas conflituosos de acordo com as necessidades mais urgentes vivenciadas pelas comunidades.

É o caso da comunidade do Vão do Moleque que está enfrentando muitos conflitos que abordam todo território Kalunga. Assim a pesquisadora percebeu a urgência em trabalhar a tradição da Romaria de São Gonçalo, pois é uma tradição que está sendo bastante fragilizada com

a aculturação de novos valores que estão sendo agregados à comunidade. E a LEdoC possibilitou essa reflexão que poderá ser usada nas escolas pelos professores como meio de reflexão e de debate com os alunos e também nas reuniões de pai e nos encontros da associação, dialogando sobre a necessidade de preservar o tradicional que é próprio da comunidade Vão do Moleque.

Pensamos que o campo é uma realidade e espaço que deve ser pensado com carinho. Foi a partir dessa concepção que os movimentos sociais lutaram durante anos em busca de uma escola que atendesse às necessidades do povo camponês em todos os seus aspectos sociais, políticos, econômicos e ambientais.

Os ledoquianos são preparados para lidar com todas essas dimensões e uma vez formados estão aptos a transformar a sua realidade e a de sua comunidade, tendo em vista que esses educandos formados podem contribuir com seus conhecimentos nas mudanças que proporcionam a transformação para um mundo mais justo.

Portanto esses formandos precisam se inserir nas escolas dentro das comunidades e buscar fazer a diferença, procurando sanar as fragmentações deixadas pela escola tradicionalista. Devem formar grupos de estudos nas comunidades procurando trazer reflexões acerca dos conflitos existentes, inclusive aqueles que se apresentam de forma camuflada, misturados ao encanto dos moradores pelo moderno. É um dever procurar desfeticizar esse novo e desalienar o pensamento dessas pessoas. Esses ex-educandos tem uma tarefa muito importante pela frente, que é continuar o que a LEdoC começou através deles nas comunidades. Certamente é um trabalho importante e árduo que vai requerer muitas habilidades, paciência e dedicação.

Tendo em vista que as escolas tradicionais adotam a pedagogia de exclusão, a qual não se preocupa em preparar os cidadãos para a vida, compete à pesquisadora e a todos os educandos LEdoC que são moradores da comunidade Vão do Moleque, juntamente com a Epotecampo, fazerem articulações que promovam o engajamento dos princípios educativos da Educação do Campo nessas escolas; focalizar essas escolas no cumprimento das normas da Educação do Campo para que adotem a história, o trabalho, a vivência, a cultura, o conhecimento popular e a terra como matrizes curriculares, afim de erradicar o método de exclusão da escola e promover a valorização da identidade dos alunos da comunidade Vão do Moleque.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo Kalunga do Vão do Moleque não traz nenhum manuscrito do seu passado, mas aprenderam a guardar na memória uma riquíssima história deixada pelos seus antepassados, entre elas suas tradições. Esse legado deixado pelos ancestrais está se perdendo, pois os moradores estão sendo aculturados, ou seja, estão agregando novos valores, isso provoca um grande desinteresse em aprender as coisas consideradas “velhas”, mas necessária para a sobrevivência da comunidade Vão do Moleque.

Nesse sentido, a Educação do Campo é uma grande aliada e contribui bastante na preservação desta tradição. Através das aulas de memória os educandos ledoquianos percebem a necessidade de promover ações que fomentem o fortalecimento das tradições e dos costumes das comunidades.

Essa pesquisa é importante porque é uma forma de alertar os moradores da comunidade Vão do Moleque sobre a importância das práticas das tradições festivas como a Romaria de São Gonçalo, pois essa é a maneira que os ancestrais encontraram de manter seu povo unido olhando para uma mesma direção. As tradições, os costumes, culturas são próprios de um grupo ou etnias, e a Romaria de São Gonçalo é própria da comunidade Vão do Moleque.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marina Marconi Lakotos de; Eva Maria. **Metodologia Científica**. 4ª Edição, São Paulo: Editora Atlas S.A, 2004.

ASEVEDO SOARES, Aldo. **O direito de Existir: Questões Antropológicas e Jurídicas Sobre Remanescentes de Quilombo**.1. Ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares,1995.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. **Kalunga: povo da terra**. 1. Ed. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

BABOSA, Anna Izabel Costa. **A organização do trabalho pedagógico na Licenciatura em Educação do Campo/UNB: do projeto às emergências e tramas do caminhar**. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação(MEC) Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Uma História do Povo Kalunga**: 2001.

_____. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). **Educação do Campo: marcos normativos**. Brasília: SECADI, 2012.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e **combate à fome**. Revista MDS.Nº 2. Brasília, DF: Ascom, março 2010.

CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo e FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Ed. Expressão Popular, 2012. São Paulo: 2012.

CASCUDO, Luiz da Câmara, **Dicionário do Folclore brasileiro**, 9. ed. Revista, atualizada e ilustrada – São Paulo: Global, 2000.

_____. **Dicionário do Folclore brasileiro**. 11. ed. edição ilustrada, São Paulo: Global, 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia Científica 4ª ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, qualitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. Ed.Porto Alegre: Artmed, 2007

CHAUÍ, Marilena.**Convite à Filosofia**. 12. ed. 6. impressão. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

_____. **Convite à Filosofia**: Ed. Ática, São Paulo, 2000.

CORTEZAN, Luzinei Lorenti. SANTOS, Ricardo Martins. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal São Pedro**. Terra Nova do Norte, MT: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto, 2010.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo. S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DUVIGNAUD, Jean. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. Prefácio. p. 7-16.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução, Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI; Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

_____. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2009.

MARTINS, Saul. **Folclore em Minas Gerais**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: UFMG, coleção aprender, 1991, 128 p.

MOTT, Luiz R. B. **Santos e Santas no Brasil Colonial**. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1994. Coleção de documentos. Series Históricas; nº 1, 21 p

MOURA, Gloria. **Festas dos Quilombos**. Lamberto Scipioni, fotos. Brasília: editora Universidade de Brasília, 2012, 184 p.

MOURÃO, Laís Sá. **Terra, Território, Territorialidade no modo de vida e na identidade cultural camponesa**. Brasília: UnB/FUP, 2010.

NOGUEIRA, Mônica Celeida R. **Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre gerazeiros do norte de Minas Gerais**. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2009.

O'DWYER, Eliane Catarino **Quilombo: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro Editora: FVG, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Sociologia e Folclore: A Dança de São Gonçalo num Povoado Bahiano**. Edição conjunta com a Fundação para o Desenvolvimento da Ciências na Bahia. Editora Livraria Progresso, Salvador Bahia, 1958.

RAMOS, Artur. **O negro na civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1971

SANTOS, Clarice Aparecida dos. (org.) **Educação do Campo- Políticas Públicas – Educação.** Brasília: Incra; MDA, 2008.

SARAIVA, Regina Coelly F.; RODRIGUES, Livia Penna Firme; NOGUEIRA, Mônica Celeida R. **Saberes e fazeres tradicionais sobre o cerrado:** a experiência de Dona Flor. Brasília: Universidade de Brasília, Decanato de Extensão: 2011.

_____. **História, Memória e Identidade.** Brasília: UnB/FUP, 2010.

_____. **Tradição e sustentabilidade:** um estudo dos saberes tradicionais do cerrado na Chapada dos Veadeiros, Vila São Jorge - GO. Tese de Doutorado. Brasília: Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2006.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Faculdade UnB Planaltina. **Projeto Político Pedagógico.** Licenciatura em educação do campo. Brasília: UnB, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

As tradições festivas do Vão do Moleque se estendem ao longo do ano e são marcas características dessa comunidade. No quadro abaixo foram listadas essas manifestações

Tradições Festivas do Vão do Moleque

Mês	Nome da tradição
Janeiro	Folia de Reis
Março	Folia de Roça
Maior	Folia do Divino Espírito Santo
Junho	Folia de Santo Antonio e São João
Julho	Folia de São Sebastião
Agosto	Folia de Nossa Senhora das Neves
Setembro	Romaria de São Gonçalo
Outubro	Festa de Nossa Senhora Aparecida
Dezembro	Festa de Santa Luzia

APÊNDICE 2

Roteiro de questões aplicado nas entrevistas desenvolvidas na comunidade do Vão do Moleque**Data da entrevista:****Dados pessoais do(a) entrevistado(a):**

- a) Qual é o seu nome completo?
- b) Qual é o local em que você nasceu? Nasceu no campo ou na cidade?
- c) Quantos anos você tem?
- d) Em que data? (dia/mês/ano)
- e) Qual é o seu estado civil?
- f) Quantos filhos você tem? Onde nasceram?
- g) Você teve oportunidade de estudar? Qual é o seu grau de instrução?
- h) Qual é a sua profissão?

- 1- Você considera o Império de São Gonçalo importante para a comunidade? Por que?
- 2- O que deu origem ao Império de São Gonçalo?
- 3- Há quantos anos é festejado esse santo?
- 4- Na sua opinião, mudou alguma coisa na festa nos últimos anos? O que mudou?
- 5- Essas mudanças prejudicam ou não prejudica a comunidade? Por que?
- 6- Você reconhece as causas dessas mudanças? Cite pelo menos três delas.
- 7- Você percebe o interesse dos mais jovens em aprender as atividades realizada durante o Império de São Gonçalo? Como?
- 8- Você acha que o agregamento de outras culturas interferem no andamento da festa? Por que?
- 9- A religião evangélica traz novos valores a seus seguidores, isso prejudica as tradições festivas como o Império de São Gonçalo na comunidade Vão do Moleque? Por que?
- 10- O que você acha que vai acontecer nas tradições festivas como o Império de São Gonçalo se continuar o agregamento de outras culturas e a forte presença da religião evangélica na comunidade Vão do Moleque?

Elenita Fernandes Moreira, 30 ano

- 1) Considero. Aproveito para divertir e trabalhar. A cultura traz aprendizagem.
- 2) No tempo dos escravos refugiados e dos fugitivos ex- escravos vindos de outros quilombos.
- 3) Há mais de cem anos.
- 4) Mudou. Antes era só o povo da comunidade e hoje tem muita gente de fora, trazendo sua tecnologia mudando o costume da comunidade, inclusive na dança. Antes a dança era dividida em todo o festejo hoje é concentrada apenas em um local. Outra coisa é que poucas pessoas vão à reza inclusive a folia de cipó mudou antes era um grupo grande que gira em todos os ranchos, hoje é um pequeno grupo e nem passa em todos os ranchos.
- 5) De um lado não prejudica, pois não precisa sair da comunidade para fazer suas compras.e prejudica porque se as pessoas pararem das atividades religiosas a tradição vai acabar.
- 6) Algumas pessoas trocaram de religião, vão na festa e não participam das atividades religiosas, vão para os bares bebem muito e esquecem de ir para a igreja.O comércio também atrapalha, pois as pessoas ficam envolvidas nas vendas ou nas compras e acabam não participando das rezas, mastros e folias.
- 7) Não no momento das rezas só nos mastros. Rodeiam o mastro.
- 8) Não cada um conscientiza em respeitar o momento das atividades religiosas.
- 9) Prejudica. Porque muitos vizinhos que antes era católica e hoje é evangélica e não participa mais das festas.
- 10) Vai enfraquecer e provavelmente acaba em alguns anos.

José Marques da Conceição, 57 anos.

- 1) Considero. Gosto da Romaria e pelo milagre da santa.
- 2) Quando eu entendi por mim, esta festa já era festa e o ano que eu não posso participar fico com remorso.
- 3) Não sei dizer. Quando eu entendi por mim já festejava essa festa.
- 4) De poucos anos pra cá diferenciou muitas coisas. O movimento cresceu. E o império era meio dia e hoje é a noite.
- 5) Prejudica porque o tipo da festa mudou, o clima mudou, pode ser por causa dessas mudanças.
- 6) O modo do tipo do povo de construir o império. O modo da festa que era antes. O forro era espalhado por todo o festejo e hoje é só num local no barracão.
- 7) Sim as crianças vão junto com o imperador. E também tem crianças acompanhando o padre.
- 8) Acho divertido é harmonioso.
- 9) Prejudica. As vezes tem um bom folião se ele passa para ser evangélico ele faz falta. Antigamente não tinha essa coisa de evangélico e hoje tem muito.
- 10) Vai acabar mas tem que briquitar para não acabar.

Fernando José dos Anjos, 70.

- 1) Considero. Lado nosso contrito que ajuda nós.
- 2) Quando ela começou, quando eu comecei a entender por gente já festejava só que era mais pouca gente.
- 3) Há mais de 70 anos.
- 4) A comida era feita e distribuída ao povo todo. Hoje não dá conta de dar comida a tanta gente. O movimento cresceu.
- 5) Não prejudica porque está dando valor na nossa festa.
- 6) Cresceu a produção de gente e só vai crescendo.
- 7) Percebo porque por eles estar presentes estão participando.
- 8) Não as pessoas só animam a festa. tá levantando o movimento da festa.
- 9) Prejudica. Porque tá saindo do mandamento da festa. eles quer acabar com o movimento da festa.
- 10) Vai acabar porque se continuar as pessoas que são contra só aumentando vai acabar.